

# O psicodrama antes e depois de Moreno

Dos gregos antigos à internet

Sérgio Guimarães



EDITORA  
ÁGORA

*O PSICODRAMA ANTES E DEPOIS DE MORENO*

*Dos gregos antigos à internet*

Copyright © 2022 by Sérgio Guimarães

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação de texto: **Lígia Alves**

Revisão: **Mariana Marcoantonio**

Diagramação: **Crayon Editorial**

Capa: **Alberto Mateus**

## **Editora Ágora**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7ª andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

*Muitas técnicas psicodramáticas – há mais de trezentas –, por mais estranhas e fantásticas que pareçam, podem ser rastreadas até nos rituais e costumes de culturas antigas, e são encontradas nos escritos clássicos da literatura mundial. Moreno apenas as redescobriu e as adaptou aos objetivos psicoterapêuticos. Seus verdadeiros inventores são os pacientes mentais de todos os tempos. O número de aplicações do método psicodramático é praticamente ilimitado, embora o cerne do método permaneça inalterado.*

ZERKA T. MORENO

A survey of psychodramatic techniques [Um levantamento das técnicas psicodramáticas]. *Group Psychotherapy* [Psicoterapia de Grupo] [1959, março], *XII*(1), 14.

# Sumário

<i>E agora, o que vem por aqui?</i> . . . . .	11
1. DOS GREGOS ANTIGOS AOS TEMPOS MODERNOS:	
A IMPROVISAÇÃO ANTES DE MORENO . . . . .	15
Aristóteles visto por Moreno, e a improvisação, do começo à <i>commedia</i> . . . . .	15
Por dentro da <i>commedia dell'arte</i> e do teatro popular. . . . .	18
Fora da Europa: a improvisação em terras africanas . . . . .	21
De volta à Europa, a improvisação: contra e a favor . . . . .	23
Improvisação: o exemplo de Goethe e a reação de Moreno . . . . .	25
A improvisação e suas controvérsias: Alemanha, Áustria, França e Inglaterra . . . . .	29
A coincidência entre Moreno e Adam Müller . . . . .	30
Moreno e Stanislavski? “Não tem relação alguma” . . . . .	33
Enquanto isso, na Rússia, o teatro de Evreinoff . . . . .	34
Em Kiev, o trabalho de Vladimir Iljine . . . . .	36
O teatro de Jacques Copeau e as dificuldades de Moreno . . . . .	38
2. CURAR-SE ATUANDO: O TEATRO TERAPÊUTICO ANTES DE MORENO . . . . .	
Duas comédias de Aristófanes e uma sátira de Racine . . . . .	41
A proposta de Reil: “um teatro em cada manicômio” . . . . .	46
O médico Pinel fazendo teatro, e o caso do “condenado à guilhotina” . . . . .	49
A história de <i>Nina</i> , a <i>Lila</i> de Goethe e o <i>Hamlet</i> de Moreno. . . . .	51
O duelo de Dom Quixote: Cervantes, “um grande psicodramatista” . . . . .	57
Simplício, o anjo, o “Rei da Índia”, Ana O e até o próprio Freud. . . . .	61
Iljine, o gênio, e a técnica ativa de Ferenczi . . . . .	65
A teatroterapia de Evreinoff e as semelhanças com Moreno . . . . .	67

3. MORENO NUM JOGO DE ESPELHOS: MODIFICAÇÕES	
DO MÉTODO PSICODRAMÁTICO . . . . .	71
A vez do “psicodrama analítico”, começado pelos franceses . . . . .	71
O encontro que não houve e o “psicodrama junguiano” . . . . .	75
O “problema Moreno”, a abordagem gestáltica e a cultura dos encontros . . . . .	78
Contrato, tema e preocupação tópica: o “psicodrama estratégico” . . . . .	80
“Foi assim?” Entre o “playback theatre” e o “teatro espontâneo” . . . . .	83
Do psicodrama às “constelações”: compartilhar não é recomendado . . . . .	86
Inovações: Moreno, sobre as culturas latinas, e o exemplo do Brasil. . . . .	88
Mais de 20 anos de psicodrama na cultura chinesa . . . . .	90
Por onde anda o psicodrama na América Latina:	
a Argentina e o Brasil . . . . .	92
No Brasil, psicodrama e “consciência nacional”:	
a visão de Vieira Pinto . . . . .	97
Modificações brasileiras do método psicodramático:	
Quais? Quantas? . . . . .	108
Psicodrama brasileiro? Novas propostas de mudança . . . . .	115
4. ENTRE MORENO E PAULO FREIRE: A FILOSOFIA,	
A TERAPIA E A PEDAGOGIA . . . . .	119
O livro que Freire não leu e a polêmica Buber-Moreno . . . . .	119
Entre o Sócrates de Moreno e o de Freire . . . . .	122
Para Freire, a “educação bancária”; para Moreno,	
“o passo de ganso” . . . . .	126
Fundamental para ambos: a busca da autonomia . . . . .	129
Começar improvisando, o projeto comum . . . . .	131
Novas tecnologias, a produção de “comunicados” e novos parceiros. . . . .	133
Entre Moreno e Freire: María Alicia e o psicodrama pedagógico . . . . .	135
Moreno e Freire: convergências também na filosofia . . . . .	138
“Meu pai era Morenu, que significa ‘nosso professor’”. . . . .	142
5. DA PRESENÇA À DISTÂNCIA: PSICODRAMA VIRTUAL OU DIGITAL? . . . . .	145
Março de 2020: “medo quase pânico”, “extrema ansiedade e angústia” . . . . .	145
Onde foi parar o “teste da espontaneidade”? E o tal “adestramento”? . . . . .	147

“Um homem à frente de seu tempo”: gênio ou pioneiro? . . . . .	150
É Moreno antecipando propostas e, no Brasil, o pioneirismo de Pamplona. . . . .	152
Moreno, o sigilo profissional e “a crise do juramento hipocrático” . . . . .	156
Entre a confidencialidade, a fofoca de Gaiarsa e “o segredo de Polichinelo” . . . . .	159
Mas, afinal, é psicodrama virtual ou digital? . . . . .	163
Da telepsicologia ao telepsicodrama no Brasil: pode? . . . . .	165
Enfim, o que há de específico no psicodrama digital? . . . . .	168
<i>Referências</i> . . . . .	175

## E agora, o que vem por aqui?

*Não deixe que a próxima vez saiba demais sobre as vezes anteriores.* De acordo? Para quem não quiser cair no recurso fácil do chavão – “Prefácio” ou “Introdução”, por exemplo –, esse conselho é sempre oportuno. Pois é, mas, escrito assim, sem aspas, qualquer um poderia dizer que é seu, inclusive eu. Não é, não. Melhor, portanto, colocar as devidas aspas, que eu deixo aqui, para que você, se quiser, possa botá-las no devido lugar: “”.

Foi Jacob Levy Moreno, o criador do psicodrama moderno, quem fez essa recomendação, num texto de 16 tópicos, “On the genius” [Sobre o gênio], que acabou ficando inédito por cerca de 45 anos. Somente a partir de 2019 saiu a público a *Autobiography of a genius* [Autobiografia de um gênio].

Por enquanto, para começar, o importante é sublinhar no título aí em cima, ainda que em desordem, duas palavras fundamentais para quem faz psicodrama: o “aqui” e o “agora”. Será? Pelo menos assim era, até que uma pandemia brutal obrigou a grande maioria de psicodramatistas mundo afora a mudar de prática. E, com o chamado “psicodrama digital” – que muitos insistem em chamar de “virtual” –, a situação passou a ser outra: o “aqui” muda e o “agora” continua, por exemplo.

— Espera aí! — intervém de repente meu “duplo contrário”. — Você está começando pelo fim. Esse é o tema do último capítulo. Por que não vai na ordem?

Poderia responder a ele que faço assim, entre outras razões, porque sou canhoto, mas prefiro não contrariar a figura. Uma explicação melhor sobre a técnica do “duplo contrário” vai ter que esperar pelo segundo capítulo, “Curar-se atuando: o teatro terapêutico antes de Moreno”. É quando conto a história do duelo de Dom Quixote – retratada por Miguel de Cervantes – com o Cavaleiro da Branca Lua, ocorrido ficcionalmente em Barcelona, uns 350 anos antes do II Congresso Internacional de Psicodrama realizado naquela cidade. Como assim?!

Antes que o tal “duplo” interfira de novo, me acusando de continuar fora da ordem, volto então à tal normalidade. O que você vai encontrar no primeiro capítulo, “Dos gregos antigos aos tempos modernos: a improvisação antes de Moreno”, é a primeira das duas perspectivas históricas construídas no livro. Nele mostro como, já entre os helenos, eram praticadas não apenas cenas improvisadas, mas inclusive jogos de papéis precursores da proposta psicodramática. O exemplo do juiz – protagonista da comédia *As vespas*, de Aristófanes –, tão obcecado pelo trabalho judicial que acaba levando o próprio filho a simular em casa um tribunal, é, sem dúvida, emblemático.

Basta seguir o fio da história da improvisação para ir encontrando, ao longo dos séculos, as inúmeras manifestações de teatro popular, registradas tanto na Europa como na Ásia, África ou América Latina. Não é um acaso que, em 1º de abril de 1921, Moreno se vista de bobo da corte para sua primeira grande aparição pública improvisada.

Já o segundo capítulo vai buscar, também a partir dos gregos, o fio da meada que permite ir tecendo a história do teatro terapêutico, obra não só individual mas também coletiva, da qual participam tanto médicos quanto escritores. Ao percorrer esses caminhos, acaba ficando claro que, já bem antes de Moreno, os recursos da representação teatral, ora dentro ora fora dos hospitais, vinham sendo praticados em busca de cura para transtornos mentais.

É só lembrar do que reconheceu o próprio Moreno sobre Johann Christian Reil, o pai da psiquiatria. Segundo ele, Reil, “no fim do século XVIII, sugeriu que os hospitais mentais tivessem um teatro especial, no qual os funcionários desempenhariam os papéis de ‘juízes, fiscais, anjos vindos do céu, mortos saindo das tumbas’” (Moreno, 1974, p. 4). Ou das práticas de teatro de Philippe Pinel, por volta de 1800, para ficarmos ainda no âmbito dos profissionais da medicina. Mas há também os literatos, entre os quais Johann Wolfgang von Goethe, com sua *Lila*, personagem que entra em surto psicótico ao tomar conhecimento da notícia (falsa) da morte do marido, e é curada graças a recursos de simulação teatral. Sem falar muito no caso do próprio Cervantes, que menciono apenas sussurrando, para não chamar de novo a atenção do meu “duplo contrário”.

— Agora é tarde, já chamou. E vou logo te dizendo: esse texto está ficando longo demais. Não precisa ficar entrando em tanto detalhe.



Mas eu não posso deixar de tocar nos principais pontos que quem ler vai encontrar à frente. E olha que, em toda essa história do psicodrama, nem estou falando do que já mostrei no meu livro anterior, *Moreno, o Mestre*, sobre o psicodrama alemão, por exemplo, desenvolvido por Richard von Meerheimb décadas antes do nascimento do próprio Moreno!

— Acho melhor você resumir, antes que o pessoal desista de seguir essa cantilena.

Quanto ao capítulo 3, “Moreno num jogo de espelhos: modificações do método psicodramático”, é quando a gente se dá conta, depois da Segunda Guerra Mundial, de que as opções do leque do psicodrama passam a se abrir como cauda de pavão. Começam os franceses pondo a psicanálise no meio. Logo entra a turma que prefere o Jung. Os gestálticos ficam olhando e anotando. Então chegam os sistêmicos e aparece o grupo que prefere fazer *playback*, ao lado dos que oferecem um teatro quase espontâneo. Há os que partem para as constelações, a cultura chinesa entra em cena, e por aí vai, até a gente passar pela Argentina e chegar ao Brasil.

— Sei, não. Essa tua linguagem está descambando pro coloquial demais.

Melhor nem responder, e seguir em frente. Aliás, antes que o capítulo 3 chegue ao fim, aparece um personagem inédito no meio do movimento psicodramático brasileiro: o filósofo Álvaro Vieira Pinto. É ele que vai nos ajudar a entender, afinal, o que têm a ver psicodrama e consciência nacional. Basta comentar, por enquanto, que Paulo Freire considerava Vieira Pinto seu mestre. Claro, é a questão política – mas não partidária – entrando na arena psicodramática, para que se discuta o papel da consciência, ingênua ou crítica, na construção democrática do país.

Já no quarto capítulo, “Entre Moreno e Paulo Freire: a filosofia, a terapia e a pedagogia”, o paralelo entre os dois homens de ação/reflexão/ação põe em evidência o que os faz convergir. Procuo demonstrar, a partir do trabalho deles, por um lado, a importância de manter a necessária unidade entre saúde e educação, e, por outro, a busca da libertação das pessoas por meio da ação e da correspondente tomada de consciência. Daí trabalharem ambos a favor de uma crescente autonomia, que permita aos indivíduos decidir, por conta própria, a respeito de sua própria vida.

— Eu, se fosse você, parava por aqui.

Sem dizer nada sobre o último capítulo? Preciso pelo menos mostrar que, mais de 80 anos depois de Moreno ter começado a indicar o caminho

das pedras no uso das novas tecnologias, suas recomendações finalmente começam a ser postas em prática.

— Muito vago isso. Pode ser mais claro?

Na realidade, é a pesquisa sobre a gravação de discos de metal ainda na Europa, feita com Fritz Lörnitzo, que chama a atenção de uma empresa norte-americana, que os convida e os leva aos Estados Unidos em 1925. É fato que, em 1933, Moreno produz seu primeiro filme, ainda mudo, mas já mostrando como pode ser feito um trabalho *impromptu*. Depois vêm o uso da primeira câmera sonora, os programas de rádio, as gravações audiovisuais no teatro de Beacon, os contratos com a televisão nos anos 1940, o circuito fechado de televisão, para que centenas de pessoas pudessem acompanhar psicodramas ao vivo e, logo depois, através de videoteipe.

A lista de iniciativas tomadas por Moreno é longa, mas seu exemplo e suas recomendações adiantaram muito pouco. Foi preciso uma pandemia feroz, a da Covid-19, ameaçando devastar o planeta, para que entrasse massivamente em cena uma nova modalidade, com o uso efetivo, e não mais excepcional ou experimental, de um psicodrama a distância, graças à rede mundial de computadores, a tal internet. Chega o momento instigante, e quase exclusivo, do psicodrama digital. Está bem assim, como aperitivo do capítulo 5?

— Hum.

# 1. Dos gregos antigos aos tempos modernos: a improvisação antes de Moreno

## **ARISTÓTELES VISTO POR MORENO, E A IMPROVISAÇÃO, DO COMEÇO À *COMMEDIA***

Assim pois, uma vez que o imitar tem a ver com nossa natureza, assim como a música e o ritmo (é óbvio que os metros são parte dos ritmos), originalmente aqueles que possuíam as melhores aptidões para esses assuntos avançaram lenta e gradualmente e criaram a poesia a partir de suas improvisações. (Aristóteles, 2007, p. 71)

A frase é de Aristóteles e mostra bem a importância que o filósofo grego dava ao fenômeno da improvisação, já no século IV antes de Cristo. Em sua *Poética*, depois de afirmar que “Homero foi o poeta supremo dos assuntos sérios”, Aristóteles sustenta que ele “também foi o primeiro a esboçar os esquemas formais da comédia” (p. 72). Além disso, escreve que, assim que apareceram a tragédia e a comédia, “os poetas se inclinaram a um ou outro tipo de poesia, conforme sua própria natureza” (p. 72-73), explicando que “alguns começaram a compor comédias em vez de iambos, e outros deixaram a épica em favor da tragédia, porque estas formas são superiores e mais apreciadas do que aquelas” (p. 73). E acrescenta:

De qualquer forma, tendo tanto a tragédia como a comédia sua origem na improvisação (a primeira, dos solistas de ditrambo, a segunda dos hinos fálicos, que ainda hoje são costume vigente em muitas cidades), a tragédia foi avançando pouco a pouco quando os poetas foram desenvolvendo as possibilidades que havia nela. (p. 73)

Por outro lado, insistindo na ideia de que “a atividade imitativa é conatural aos seres humanos desde a infância” (p. 70), Aristóteles mencio-

na Sófocles “enquanto imitador”, opinando que se assemelha a Homero, “pois ambos imitam homens bons” e que “em outro aspecto também se assemelha a Aristófanes, pois ambos imitam homens que atuam e produzem (*drôntas*)”. Por essa razão, observa o filósofo, “dizem alguns que suas obras são chamadas de dramas (*drámata*), porque imitam homens que atuam” (p. 69).

A referência à noção de drama como *ação* soa familiar no contexto psicodramático porque essa era a acepção utilizada por Jacob Levy Moreno. Além disso, a obra *Poética* também figurava entre as primeiras mencionadas em seus escritos sobre as raízes gregas de sua proposta de teatro terapêutico. De fato, já em *Das Stegreiftheater* [O teatro da improvisação], o então autor anônimo se referia à “perspectiva de Aristóteles (na *Poética*)”, ao concluir a parte relativa ao “teatro do criador” (Anônimo, 1923, p. 81).

No entanto, a menção ao filósofo grego, frequentemente feita por Moreno, remete sempre à ideia de catarse, e esse é o caso em sua obra de 1923:

O fundamento de seu julgamento é *a tragédia terminada*. A controvérsia em relação a si, segundo suas palavras, o efeito purificador sobrevém no leitor (ouvinte) ou nos personagens trágicos da poesia, se estende até o presente; ele procura equivocadamente inferir algo sobre o *efeito* a partir do teatro dogmático. (p. 81, itálico no original)

Em nenhum momento Moreno menciona Aristóteles quanto à sua ideia sobre a improvisação como fenômeno presente já na etapa histórica de criação da poesia. O que o autor anônimo vai comentar no fim da parte “O teatro da improvisação” está numa nota com o título *Improvisation und Stegreifspiele* [Improvisação e peça de improvisação]. Aí, pela primeira vez, Moreno utiliza o termo alemão de raiz latina e seus derivados, buscando distingui-lo do outro modo de improvisação que ele propõe:

Também os atores da *commedia dell'arte* eram improvisadores [*Improvisatoren*], não intérpretes de improvisação. Depois que uma cabeça engenhosa cunhou os tipos, ficaram preestabelecidas as maneiras de se comportar e as formas de falar; o ator variava o diálogo adaptando-o à situação. A improvisação [*Improvisation*] tinha uma direção prescrita. A peça de improvisação, por sua vez, deve ser realizada sem condições,